

Ana Cristina Cesar Correspondência Incompleta

organização

AEROPLANO EDITORA
INSTITUTO MOREIRA SALLBS



Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda

Copyright © 1999 herdeiros de Ana Cristina Cesar e as destinatárias Clara Alvim, Heloisa Buarque de Hollanda, Cecília Londres e Ana Candida Cesar, Ana Cristina, 1952-1983

Correspondência incompleta / Ana C. : organização Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda.-Rio de Janeiro : Acroplano, 1999- 314 p. ; 14 X 21cm.
ISBN 85-86579-06-8

1. Cesar, Ana Cristina, 1952-1983 - Correspondência. 2. Poetisas brasileiras - Correspondência.

I. Freitas Filho, Armando. 1940- .11. Hollanda,

II. Heloisa Buarque de, 1939- .111. Título.

CI>I)-IW69.6

Capa e Projeto Gráfico *Cecília Leal*

Editoração *Cecília Leal e Daniela Knorr*

Coordenação Editorial *Liteia Lambcrt*

Revisão *Andréia do Espírito Santo ShahiraMahmudA. Daoud*

Assistentes de Pesquisa *Andreia do Espírito Santo Shahira Mahmud A. Daoud*

Direitos Reservados *Acroplano Editora e Consultoria Ltda.* Travessa do Ouvidor 11/A Centro - Rio de Janeiro - RJ CEP: 200-10-040 Telefax: (021) 529 6974 e-mail: aero0ceniroin.com.br

Apoio:

CNPq



Jogo de cartas * 7

Armando Freitas Filho

Nota dos organizadores ° 9 Para Clara de Andrade Alvim ® 13 Para Heloisa Buarque de Hollanda ®

Para Maria Cecilia Londres Fonseca Para Ana Candida Perez ® 195 Sobre a correspondência • 295 Cronologia • 307

A idéia de reunir algumas cartas e cartões-postais de Ana Cristina Cesar para publicação, me veio de uma certeza: a de que seria interessante mostrar em estado original uma das principais matrizes de sua criação literária, além de revelar, pura e simplesmente, a exímia missivista. A escolha de Clara Andrade Alvim, Maria Cecília Londres e Heloisa Buarque de Hollanda foi intencional: todas foram suas professoras. A primeira, a descobriu, na PUC; a segunda, na mesma universidade, a colocou como monitora de turma; a terceira a publicou na antologia *26poetas hoje*, em 1976. Posteriormente, foi a orientadora de sua tese de mestrado na UERJ.

As relações das professoras com a aluna singular logo evoluíram para uma grande amizade. Amizade parecida à que Ana dedicava, desde sempre, a Ana Candida Perez, com quem traduziu, do inglês, poemas de autores contemporâneos. Ao fazer, portanto, essa seleção privilegiamos, seguramente, o aspecto mais exigente da escrita epistolar de Ana Cristina, devido à importância de suas interlocutoras, tanto no plano intelectual quanto afetivo.

\ Ela se confessa, sim,] mas faz (fala de) literatura o tempo todo. Em muitos e~extensões momentos dessa correspondência', ouvimos trechos de sua dicção poética de teor tão peculiar. Verdadeiros exercícios prévios do que mais tarde ela iria transportar para os seus textos literários. Em certas cartas e cartões temos a sensação de ou/, se suprimíssemos o destinatário e o rcmctc-nic.j W/; estaríamos lendo alguns dos seus poemas, se não acabados, pelo menos ensaiados, que mais tarde vamos encontrar em seus livros, como em *Correspondência completa*, de 1979, constituído por uma carta única. Era como se primeiro ela escrevesse para alguém e depois o que tinha endereço ou destino torna-se, através de uma estratégia dissimulatória, errante, sem referente claro,

\

mensagem na garrafa, atirada ao oceano de todos para ser aberto por Ninguém ou por qualquer um, ao acaso.

Também é curioso observarmos a oscilação por que passa ! sua assinatura: das previsíveis Ana e Ana Cristina, à ficcionalizada Ana C., chegando às sumárias Eu e A., até o desaparecimento total em várias cartas. E, em pelo menos dois cartões, emerge, surpre- | endente, o pseudônimo Júlio, possivelmente a porção masculina jdejtilia, que é quem escreve e assina a já aludida carta solitária de í *Correspondência completa*, dirigida para alguém que não é nomeado (“My dear”), e onde nem sequer se distingue, no corpo do texto, o gênero da sua identidade. Oscilação que perdurou na capa das edições *princeps* dos seus livros: Ana Cristina Cesar e Ana Cristina C. Não se trata aqui de uma heteronímia incipiente, i mas sim da tentativa, creio, na correspondência e na obra, de criar '• uma *persona* que protegesse ou mascarasse, parcialmente, sua ! figura, como é comum nos diários pessoais (outra fonte primária ¹ de sua literatura).

Para quem conheceu Ana Cristina de perto, esta atitude não é surpreendente. Só um autor de máscara ou de óculos escuros pode dialogar, “eticamente”, de igual para igual, com um leitor sem rosto ou disfarçado. Combina com quem sofreu da premência, quase teatral, de ser íntima, e da fatalidade, sempre questionada, de ser pública.

As cartas selecionadas para esta edição foram escritas entre 1976 e 1980. A maioria delas quando Ana Cristina Cesar fazia, na Universidade de Essex, o seu mestrado em *Theory and Practice of Literary Translation*. O critério usado para a fixação dos textos foi o do bom senso. Foram cortados apenas os trechos que, segundo o ponto de vista das destinatárias e o nosso, pudessem causar constrangimento para as pessoas citadas e respectivas famílias. O sinal [...] foi usado para indicar as supressões, as palavras ininteligíveis, e certos nomes, em alguns casos, foram reduzidos às respectivas iniciais. Tentamos preservar a ênfase do texto manuscrito mantendo, como no original, os grifos e as aspas. Os termos em língua estrangeira aparecem grafados em itálico. Sempre que necessário atualizamos a ortografia e introduzimos pontuação, uma vez que as cartas foram escritas ao correr da pena. Em poucas ocasiões, empregamos o *sic* quando ficou evidente que a forma usada era um recurso de estilo.

Como bem observou Lucia Lambert que preparou os originais, é interessante notar que, escrevendo, no mesmo dia para duas interlocutoras, assuntos idênticos ganham versões que levam em conta, com astúcia, a expectativa de cada uma.

A presença de pessoas intimamente ligadas a Ana Cristina marcou a produção de *Correspondência incompleta*: seu pai, Waldo Cesar, foi quem elaborou a cronologia e o traçado de suas viagens; Cecília Leal, sua cx-cunhada ^_ç amiga para sempre —, além de assinar o projeto gráfico deste livro, a fotografou muitas vezes, sendo dela a foto mais divulgada de Ana C., encarando a câmara sob a proteção dos óculos escuros. Por fim, nós, os organizadores, fomos seus personagens: no livro *Correspondência completa*, de 1979, Maiy e Gil são os que agora, 20 anos depois, reúnem, pela primeira vez em livro, parte de sua epistolografia.

5 de Abril de 76

Coração,

Já tentei começar carta pra você algumas vezes — no imaginário, na máquina e na presença iluminada da I-Ielô. Fico vacilante e boba todas as vezes: ora muda, ora prolixa. Acho sempre que tenho que produzir *something witty and brilliant*, no teu tom “certo” — mas pra escrever carta preciso renunciar pelo menos pela metade à literatura [ou à pose ou ao fetiche — sem querer ainda identifico os três e, é claro, não consigo mais “fazer literatura”], o que é particularmente difícil na tua frente. E além do mais reluto em abrir mais uma frente de correspondência, em assumir que saudades vão também pro Planalto Central. Sei de ti por Helô, que conta coisas ótimas. [...]

Notícias daqui: depois de umas férias péssimas, cheias de doenças e depressões, me descubro de repente numa estabilidade há muito tempo desconhecida. Estranho, desconfio, acho vagamente que não sou bem eu. Consegui meu primeiro emprego como professora de português no Souza Leão — estou dividindo com a Patrícia (Birman) e perco o sono imaginando aulas mirabolantes (é para 2º grau, turmas irrequietas, loucas); saí de quatro depois da primeira manhã. É só uma vez por semana mas me animou muito, e está sendo ótimo trabalhar com a Patrícia, que estou curtindo depois de vários grilos. Agora falta pintar outra coisa, quem sabe uma faculdade no fim do mundo pra eu bater com a cabeça logo. Enquanto isso biscateio doidamente: resenhas pro *Opinião*, traduções, enciclopédias, datilografias. Estou iniciando no inglês Marilda & Bráulio Pedroso, que parecem ótimos e pagam bem, e querendo sair da Cultura. Brocharam *for the time being* meus intrincados planos de pós-graduação. De repente meti Campinas na cabeça, onde ainda não existe curso de literatura realmente. Adrian, o inglês que você não conheceu, sumiu também de repente, depois da minha reação sufocada quando ele disse “I like you but I’m not in love with you” simplesmente. E nunca mais nada aconteceu, para nosso pasmo & pasmaceira. Mas isso foi antes do carnaval. Enquanto tudo acontecia chegavam cartas incríveis de Candide e de Cecil (já ouviste dela? Está ÓTIMA!), vão chegando, planejo um baú (ou um arquivo, pra ser moderna) com bolinhos de envelopes amarrados com fitas azuis e vermelhas. Já debes saber (ou nilo?) que estamos estudando Antonio Cândido - eu, Sônia (acho que você viu uma vez no Casa Grande, naquele debate dos neo-realistas russos), Cacaso e Ielô [...]. Fechando os parênteses — o estudo começa a funcionar; suspendemos os excessos de barato.

Acabei de fazer um resumo da minha (atual) vida??!

Saudades.

Beijos (e mande notícias & retrato & outras figuras e palavras) cm ti. E no Chico, no Pedro, na Joana (notícias, retratos...),



5 de maio de 76

Clara, minha querida,

Acabo de falar contigo e estou muito emocionada. Vou até a cozinha, tomo um anridistônico, ouço a empregada narrar o último capítulo de *Anjo mau* com brilhante expressão (adoro esses fuxicos de cozinha, papos de empregada, bastidores chi TV Globo — mas só de vez em quando) e pego tua carta pra reler, 'lenho ímpetos de começar a ladainha interpretativa, mas imagino que as alusões são mais elegantes. Acabo de ler o capítulo CXV1II de *Quincas Borba*, que devoro, e me sinto posta nos joelhos de d. Fernanda, que me devora. Mas tenho enjôo das minhas toituosidades *blasôs*, e não quero repetir uma fase de correspondência com meninas na América do Noite (interpretações mútuas, análises debruadas - aliás minto, de Washington não vem nunca esse tipo de consumação, ou dissipação). Lembro frase de I-Ielô hoje. Tua carta me despertou por via indireta carinho por ITelô, que eu agredi comicamente (?) na última sessão do grupo de estudo, insensível à baratinação em que ela se encontrava semana passada. Telefonei pra dizer isso, *sbe dismissed me louingly*, “você é louca mesmo”, riu, passou, falamosde você. Sem querer desfiar o rosário interpretativo, realmente mamãe Clara e filhinha Ana Cristina... Ainda mais se você me pega pelò pé do meu “brilhantismo”, que foi o primeiro e mais grave caminho que a minha sedução tomou. Me lembro agora de coisa fundamental que você me disse, naquela sexta-feira entre paredes & serragem & carregadores de piano (Gávea): não importa o que esteja na cabeça dos outros, é preciso circunscrever a neurose, deixar de reparti-la. Eu sei agora que desfiar interpretações, insistir sempre na mutualidade das obscuras transas, é querer repartir as boladas. O que importa é que eu ine sinto posta nos joelhos. Estou percebendo que sou bríguenta, faço birras, apostas, leilões... Percebo

e continuo a querer brigar: minha mãe (e meu pai também) foram crianças/jovens extremamente brilhantes (minha mãe foi 1ª aluna de neolatinas, ganhou bolsa pra França; meu pai era fodidíssimo, passava fome, mas já aos 6 anos ganhava bolsa no primário, tendo aprendido a ler sozinho, na Bíblia, acompanhando as leituras diárias dos cultos da família protestante, pai pastor, do Gênesis ao Apocalipse e de volta). Foram, mas hoje são classe média arrojada, trabalhando demais. Criaram pelo menos dois em três filhos para gênio, pensaram (pensam?): “você vai continuar e conseguir o que eu tive vontade, mas não capacidade...” Os três filhos precisam de muita análise, só dois estão fazendo (não exatamente os dois de cima).

Então vou te contar uma notícia de primeira mão, que não quero nem pensar direito nela: meu pai há uma semana recebeu telefonema de Genebra convidando ele para um cargo lá no World Council of Churches por seis meses. Não diga nada! Ainda não se sabe qual o \$\$ e eu tenho medo de imaginar, me vejo com seis meses, imagino poemas á beira do cais... sempre o cais, não há despedidas no aeroporto.

Você continua extremamente engraçada! (& carinhosa!!) (Querida!)

Quando li dos teus medos de receber telefonema contando notícia pavorosa, me identifiquei e mais uma vez me perdi em considerações de que isso se cura, não é verdade? Li uma conferência do Freud, “L’angoisse et la vie instinctuelle”, e coleciono citações. “*On peut écbapper par la fuite au péril extérieur, mais c’est une entetprise malaisée que de chercher à fuir un danger intérieuf*”, e ainda “*L’angoisse est, en tant qidétat affectif, la réproduction d’un événement passé et périlleux*”, e ainda “a aventura começa / no coração dos navios” (lembra?), porque o Milton cantou nessa hora. Mas não consegui tenninar a conferência, comecei a não entender direito.

Minha mãe me mostrou uma revistinha que você ia gostar de ver: chama *HerContos*, era (é?) publicada em Itaúna com direção de Jeferson Ribeiro cie *Andrade* e Jurema Dias de *Andrade*. Capa: Guimarães montado num cavalo no meio dos sertões, de chapéu de safari e gordurinhas e ar bonachão. Conteúdo: “Investigação sobre a presença de Itaúna na obra de J.G.R.”, de David de Carvalho, que pretende “identificar pessoas que conviveram com o autor, c que, no *Sagarana* (sic), passaram ao desempenho de personagens, ainda que elas se encontrem disfarçadas, desbocadas ... e finalmente concluir que no *Sagarana* não há o inverossímil”. Não é fantástico? Seguem-se 25 páginas de nomes, mapas, cartas do Rosa, fotos, fac-símiles, relatos de crimes...

Essa preciosidade foi uma aluna da minha mãe que emprestou, nela que é do dr. Lima Coutinho, correspondente de Rosa.

Fofocas de cozinha?

Já que você falou em caixão, quer lazer o favor de abrir a pág. 118 da *Estrela da vida inteira* e reler “A virgem Maria”? Sabe que eu não sabia naquela época, mas não há mesmo como o Bandeira? (Fu só sabia na infância, depois perdi pro chato do Carlos, que me cravou unhas, não dentes.) Mas vai lá, lê lá o poema que é pra ti, com minhas dedicatórias, que eu espero até amanhã.

Vilma está bem, Fausto indo sem grandes gravidades. Nossos encontros, raros, difíceis.

A barriga, bela.

Na Semana Santa fui só com o;s dois inuãos para nosso sítio em Pedra Sonora. Fui só e ressentida de ir só. Culpa minha, que ando reclusa, fugida, trancada. Lembra da Sônia, que você viu uma vez saindo do Casa Grande, aluna da I lélô? Fla e Patrícia, boas amigas.

As outras, longe.

Passei fevereiro de 7á em Brasília, traduzindo Greimas & passeando pelos céus. Se um dia você encontrar os seguintes casais: Miriam & Adalberto Telles e Mara <S César Teixeira me avisa que eu tenho histórias pra contar.

Estou transando uma ótima com as fiihinhos da Patrícia. Gosto •muito de crianças. Saudades da Joana. Como vai ela com análise? Olha que a homeopatia é jóia. Hoje eu estava fazendo xixi de cinco em cinco minutos e soube que meu bom médico homeopata (disse isso como se diz: o bom Deus) um dia me disse que quando o cérebro dispara a bexiga acompanha. Ou compensa, sei lá.

De resto: aulas no Souza Leão (hoje quase arranquei os cabelos porque os alunos ficaram *histéricos* com as notas), outras aulas, a máquina de escrever. Dispersa, dispersada. Queria “ser” uma coisa (o que é que você vai SER quando crescer?).

As rasuras no papel correspondem a atos falhos?

Vê então se me escreve, gostei tanto de te ler e te ouvir. Beijos muitos, e saudades, e venha cá, e até

Ana

Estou fazendo yoga. Na minha turma tem a maioria de velhas de mais de 60 anos, e a Maria Frias, pondo-se de cabeça pra baixo.

Mando um poema que queria dar para os alunos, mas ainda não tive coragem.

Agora vire a xxx página e Beijos,
querida.

\

O avô tinha sido um ancião convencional, que se enterrou de sobreeasa e polainas; e a avó - uma menina pálida que morreu ao pari-la; o pai faz algumas baladas; contam que tinha uma luneta para olhar ao longe. Daí - a mão dobra a página do livro, e a história da tetraneta finda com uma estocada no ventre: há destinos travados, lenços quentes de lágrimas, algum incesto, uma violação sobre um sofá antigo. Quando a mão dobra a página, há rastros de sangue no soalho. Esta é a mais nova das cinco. Vejo que os seios são como neve que nós nunca vimos e ninguém nunca viu o pai que lhe fez um filho; Agora vire a página e olhe o anjo que ele possuiu, veja esta ma milha sobre este ombro puro, e estes olhos que parecem contemplar as nuvens através da luneta avoenga. Veja que sem o fotógrafo querer as cortinas dão a impressão de caras impressionantes por detrás da gravura: um estudante de cavanhaque e outro de capa. Repare bem o braço que ninguém sabe de onde circunda o busto da moça e a quer levar para um lugar esconso. Eixe bem o olhar com o ouvido à escuta para perceber a respiração grossa, os grilos, os juramentos... A sitia negra parece um sino de luto, e o decote é a nau que a levou para sempre. E este fundo de água

ÁÇ _N [iode ser o mar muito bem; mas pode ser as lágrimas do fotógrafo.

Jorge de Lima

“Anunciação e encontro de Mira-Celi”, poema 25-

22.3.77, RJ.

Clara, minha muito querida,

Estou de volta, baixei, pisei, parei. Aulas ciadas e ouvidas, análise, corridas, trânsito. Tive uns dias meio em choque, enxaqueca e susto. Agora sossego. Chegam as fotos da viagem, de Brasília a Bariloche, que meu irmão ampliou. Fiz um quadrinho da minha cara vista por ti da Brasília de Cecília. Todo dia me olho entre livros. Guardo a viagem com carinho. Foi a primeira boa viagem em tanto tempo! Argentina é um baratão. Saudades. Saudades suas. Quer fazer o favor de pintar?

Virei estudante de novo, arreganhando dentes {...}. O melhor curso é de d. Cleonice. Afinal, lê-se Eça e ela conta casos e fofocas lusas. (...) General dá problemas brasileiros. A grande questão agora é a bolsa que não sai: A CAPES suspendeu quase 2/3 das bolsas e quem estava garantido se viu com o pé no ar. A PUC é que tem que selecionar quem vai e quem fica. Todos se ouriçam querendo defender seus polpudos 4.200. Mais dinheiro pra menos gente. Reuniões pra dissolver o individualismo. Outros cortes em outros cursos, ciências humanas, todos quicam. E eu que já ia largando o estado voltei correndo às difíceis três noites por semana (são 14 aulas) (por 2.500,00). Me consolo no Souza Leão, onde gente e salário são melhores. Me canso muito facilmente, indócil às agruras do trabalho. É sempre assim? As praias continuam congestionando. Desisti de gostar de homens bonitinhos. Ai, que impaciência!

Eu, da minha parte, adorei Brasília. Como está a Joana com a Mara Teixeira (tenho curiosidade, conheci há muitos anos)? A poesia não sei onde meti, embora pululem as antologias. Me parece longe de interessantes viagens e árduos labores de fazer dinheiro e conseguir diplomas.

Gosto muito de estudar “ponto de vista”. Mandeí cartões



pra Bariloche, Buenos Aires, Montevideo e Londres, mas não recebi quase resposta. Queria estudar *escuela* de Frankfurt. Ontem vi *La nuit se lève*, do Mareei Camé, na Aliança Francesa, com Ana Candida, bronzeada, de volta em abril, vai pra Europa depois. Estou achando Eça muito interessante. Faço belos esquemas sobre o “narrador”. Vejo *Dois vidas* da Janete Clair, que começa a decair.

Também gostei muito da foto que eu tirei olhando pra você do banco da frente onde minutos antes posei. Há outras incríveis, no alto de montanhas de Bariloche, no meio da maravilhosa Buenos Aires, no lago Nahuel Huapi (?). Neves, teleféricos, postais. Floridas.

Quando daremos a próxima festa? O Centro como vai? (Não pergunto pelo Fausto Alvim nem me pergunte pelo calendário dele que derreteu.) Atenção! Pergunte pra Cecil se recebeu as fotos que mandei por uma colega portadora. E cartas.

Na aula do insuportável LCL tem a Marie Louise, lembra? Uma ex-professora que amei e que agora fuge-se dela. Ai, como se amam as professoras! Finjo entrar no amado posto com irreverência. Estou delirando. Beijocas no querido Chico, que escreva. Desculpa o estilo — morro pela boca, por essa boca. Me sinto triste e a palavra vilipêndia minha tristeza.

Me escreve?

Beijos,

Ana Cristina

Clara, querida,

Te escrevo ouvindo Thelonious Monk, que eu comprei em dia de grandes emoções, quando pintou um dinheiro de um artigo que publiquei na *Colóquio*, fui vender os dólares no câmbio negro 'confortável, e voltei tentando me desvencilhar de um namoradinho belo mas enrolado — daqueles que falam aos olhos mas não ao bom senso. Foi ele que me indicou o disco do Thelonious, *The man I lovc*. Compre. Ouça com bons sentidos, ah insensatez. Aí boto esse piano pra ouvir e rumino uma ira embaladora contra a vida. Por que são certas iras tão embaladoras? Caminhas de araruta. Vê se me escreve uma linha, que muito apreciarei. Explico minha ira: a bolsa da CAPES que eu tinha ganho foi subitamente cortada; a minha e a de outros menos votados. Ninguém que entrou este ano ganhou. Ou seja, sumariamente desmentiu-se tudo. Letras precipitou-se e irresponsável soltou lista oficial ainda na incerteza. Nós é claro lemos e entendemos a lista. Agora o nó se fez. Hoje houve infelizes reuniões [...]; troca sibilante de argumentos liberais; meus peitos batiam enquanto me exercitavam na arte do controle, nas impossíveis diplomacias. Segíiii-sê então para o vice-reitor, padre este que nos obsequiou com soluções, empréstimos que pobre PUC nos fará e que pagaremos no fim da tese com correções monetárias; tentamos forçar a barra —queremos isenção total, nos sentimos prejudicados —, mas colegas amorteciam inabilmente. Eu poderia apelar para a colocação e implorar favores sozinha. Estou conflituada e de humor mau. De mais a mais não tenho a menor vontade de fazer este mestrado. Com bolsa ainda ia, passava por emprego chato, ponto. Mas sem! Tendo que passar por trâmites duvidosos! Ou então pelo duvidoso movimento estudantil, cuja retórica (“as classes oprimidas”) ainda me dão “vagos arrepios”: eu jamais pod< ‘ria ter papel ativo nisso; só solidariedade sem mais questões.

Na verdade eu não gosto desse mestrado, das pessoas, do clima dos colegas. Não lenho "mais o que aprender. Não me entenda mal. Não é' que eu "já saiba", é que não ando motivada a exercícios dirigidos, salas de aula, estudos por direções demarcadas, não me sinto feliz lá (???), entende, nem de passear ao sol vespertino nos pilotis! Pra quê? Talvez por nostalgia dos "nossos tempos". Ai, que chatíssimo. E se fosse um passo necessário! Mas nada. O trabalho tá bom, me conformei bem ao Estado, faço tradução do Hite Report sobre sexualidade feminina, respostas ao vivo de americanas variadas, *thrilling! exciting!* Sabê alguém (mulher) que queira traduzir comigo?

P.S. Que país é este?!!

Há também reuniões e planos para uma revista com o pessoal que saiu do triste *Opinião* — uma espécie de Versus anti-Versus. Tenho ido aos encontros onde me sinto presente e aprendendo coisas que minha curiosidade mais aumenta. Já tenho idéia de escrever sobre os *Malditos escritores!* o sua relação com a ideologia P romântica- nacionalista-localista, sobre a qual fiz um trabalho legal / para o nivelamento. É isso, Clara: não tenho ainda forças pra me dedicar aos escritõsT que eu gosto e me animo, e deixar a universidade onde só perco tempo. Nesse meio encontrei o Paulo Venâncio que especialmente meus olhinhos curtem; mal percebo que talvez seja só isso. Vi Cecil e Gelson pouco demais, e soube que vocês me procuraram na Semana Santa. Saudades muitas. Por favor *write me*. Adorei (tremi com) *Lucíola*. Diz pra Cecil essas coisas, que as fotos vão seguir, já na minha mão, que Candide partiu sem mais, que me escreva.

Já sei que Joana e Mara se dão bem, verdade? Chico, achaste o que da entrevista?

Beijos da amiga

Ana C.

P.S. Aceito conselhos!

P.R.S.S. Me manda textos teus sobre memorialismo - é assunto do curso do Silviano (*Menino antigo*).

Colchester, 8.10.79

Helô, *dearest of my heart*,

Morri de emoção com a tua carta, que meti no bolso e carreguei comigo pra Londres. Entrei no trem e éramos todos estrangeiros em volta da mesinha tomando chá com leite. Correndo fim de semana em Londres. Colchester é cidade do interior, não tem nada para fazer a não ser *pubs* e campus. Gosto muito da minha casinha e continuo mandando nela, mas acho que vou me chatear fazendo Sociologia da Literatura (por que foi mesmo que eu inventei esse curso e não outra bobagem qualquer?). Já saquei a universidade: moderna, séria, marxista, feira de stands políticos, muitos guetos de estrangeiros. Quem não quiser não sai nunca de lá, e fica maluco, acho. A cidade é uma gracinha mas acaba em uma semana. Aí a gente vai para Londres e anda loucamente pelas ruas. Falo espanhol o tempo todo. Não dá mais para brincar de inglesa. É verdade, eu brinquei de inglesa na Iª semana. Me orgulhava da minha desenvoltura e fazia a encenação do sotaque. O sotaque é um teatro, uma viaclagem, e leva vantagem quem fizer melhor. Tem uns ingleses que me convidam para o chá em casas maravilhosas de 500 anos e eu fico dura de tanto desempenho e de vez em quando vou ao banheiro distender. No banheiro tem gatos, cartões postais, shampoos exóticos. Demoro muito. Gosto rnüitÕTlê "supermercado, todos os produtos engraçados, mas acho que os ingleses não têm muito talento para a modernidade. Daí a universidade ter um pino de menos. Lá tem uma biblioteca horrível com elevadores que não param nunca, você tem que saltar para dentro e não há portas e saltar no seu andar com a ficha do *Capital* na mão — uma velha edição de 1926 — e na saída é tudo eletrônico, não cai tão bem. Vou diariamente a *pubs* variados com os colombianos e o italiano que moram na casinha. Às vezes o Giancarlo faz uma macarronada para os quatro e a gente se procura com ansiedade. Os ingleses não olham para você na rua e ficam

\

transtornados nos *pubs*. Na universidade tem um lago com patos e é muito triste quando desce a neblina como hoje. Tenho sonhos péssimos todas as noites, é no Brasil e as pessoas estão morrendo. Estou ressentindo um certo vácuo de tesão — na Iª semana eu me intoxiquei de novidade e ria o dia inteiro na casa transada da Jennifer Jones. Depois me instalei e adorei ter casinha. Agora deu um sossego esquisito. As aulas começam amanhã. Descobri mais mercados de rua em Londres, onde há roupas e coisinhas incríveis. Comprei um casaco de exército chiquérrimo, e agora vou à lavanderia eletrônica tratar dele. Vi um filme de Sherlock Holmes na televisão um dia, um desbunde. Tinha me esquecido que em Londres tinha “cultura”, último tango etc. Mas estou meio enjoada, passei por alto pela maior livraria do mundo e não fui espiar nada. Ontem descobri um tipo que trabalha numa impressora famosa (Curwen Press), e que me mostrou livrinhos e papéis e vinhetinhas. Você não vai acreditar, mas tinha um igual ao *Cenas de abril* só que no papel certo. Já sei de uma casa chamada “Pine Papers” em Covent Garden e acho que vou transar um curso de impressão num *JecbnicalCollcfic* aqui. Tudo, menos Sociologia da Literatura. Vivo me envolvendo com caras que têm mulher, é um inferno. Adorei o slogan do Culturama. Conta coiiiio é que era, e se foi pro ar. Sr. Armando continua o mesrfto... Chocante a história das entidades — trata-se do chamado *desaforo*. Ele está fazendo o trabalho da Funarte? Achei bobeira do Zu recusar tua matéria — é de bom alvitre (regra de marketing) introduzir suavemente um novo tom no meio da cultura. Vê se pública pelo menos aquele início que está muito iegalzinho. Ou então samba a tese toda naquele tom.

É muito esquisito agora, especialmente porque me sinto estupidamente integrada. Não coníe paia ninguém mas acho que este lugar é meio pra trás. Não gôsto da idéia de passar fim de semana em Colchester. Moro nurriá rua bacaninha, com casas òt

melancolia de outono. Às vezes fiquei nervosa e sacudi a cabeça. Conheci um brasileiro que estuda “terapia bioenergética” em Londres. A mulher dele estava em Bruxelas. Tenho ganas de falar subjetividades. Dançou o astral da chegada e estou meio que esperando. Talvez eu tenha que dar uma outra virada. Comprei um *sweater* lindo de marinheiro. Faço contatos. Hoje mandei um cartão para a tua amiga Maria Helena. Vou dar aulas de português para rotarianos e ganhar libras. Eles me paparicam e são engraçados. Me esqueço de fazer as perguntas que precisava. Você é uma gracinha, me escreve, e será que começou uma correspondência desencontrada?

Mil beijos,

Ana C.

Colchester, 24.10.79

I íelô, querida do coração,

Mudou tudo desde a última carta. Tornei horror total ao curso de Sociologia da Literatura — era simplesmente idiota, todo mundo adorando ser marxista, e principalmente saquei que não ia nunca conseguir ler Lukács ou outros autores sérios. Em nome de que, pode me dizer? Senti aversão, fiquei 2 dias entre o cinismo e o tédio, até que encontrei uma solução brilhante: troquei o curso para “teoria e prática da tradução literária”. Um baratão (embora com menos ibope no Brasil, não te parece?). Traduzimos poemas e aí discutimos o que foi que aconteceu. Uma maneira muito incrível de discutir teoria. De repente fiquei estudiosa, estou lendo ensaios de Ezra Pound e coisas afins. Nisso encontrei um poeta local num *pub*—Anthony Barnett. Tem 15 livrinhos desbundantes publicados! Aquele papel. Já nos visitamos e entramos numa de traduzir os textos um do outro. Ele adorou os meus livrinhos. Entre os 15 tem até uns de capa dura! E um texto que às vezes parece Chico Alvim.

[...]

Encontrei a Maria Helena Brito de outra feita. Um baratão de pessoa. Conversamos loucamente, inclusive sobre casamento, psicanálise e esquisitice de ingleses: Ela está aqui há seis anos e nunca descolou amigo inglês. Me convidou para passar fim de semana lá, dormir no divã do consultório, que é um apartamentinho no mesmo piso da casa dela, que aliás é muito *tfansadinha*. Conheci então o gueto de analistas brasileiros de Londrés, gente bacaninha. Querem que eu dê aula de lingüística, veja só. Distribuí livrinhos. Todos recomendavam o *Manhattan* do Woody Allen. M. Elena me deu dicas de lojas. Ela observa bebezinhos, trata de crianças num hospital, tem pacientes no divã, faz formação & análise didática. Trabalha que nem uma louca. Comentamos dos amigos comuns, e da coisa estranha que c alguém se bandear para cá.

Estou me sentindo meio que de férias permanentes. A vida é um sossego. Cozinho e faço shopping o tempo todo. Comprei uma TV cartão postal. Aliás também comentamos isso: aqui não tem aquela sensação de “centros dos acontecimentos” que nem no Rio de Janeiro. Os ingleses gostam muito do cantinho. Não dá para descobrir um fio que é só puxar e você fica dentro, superquente. Dizem que Paris é outra história. Mas por outro lado também não tem muito suporte não, o astral tem que ficar bom porque cadê aquele nosso círculo protetor? Eu por mim gosto muito de família, aí a gente janta junto aqui na casa, o Giancarlo faz spaguetti, os ingleses são arredios, sim. Fico quieta demais, com o maior tempo, até dá certo medo do sufoco de voltar, bobagem. Dei uma conferência absolutamente maluca no Rotaiy, usando xale verde-amarelo. Eles fizeram *toast* à Rainha e ao Presidente do Brasil e me perguntaram se havia perigo do Castro tomar o poder e se instalar em Brasília, a cidade 2000 no meio da *jungia* feroz. Fiz sucesso, histericamente calma. Eu só devia ter mentido mais. Só falei verdades e eles me desaconselharam a Universidade de Essex, antro de “*oddities*”. *I hope I am not one of them*, exclamei para o bando de homens almoçados.

Aqui tem papelarias do diabo. Compro apontadores de pura fascinação. As próximas metas de consumo são o edredom e a bota de 7 léguas, claro.

Olhei um filme do cacete na TV. *Lapetit tbealrc*, de Jean Renoir.

Um dia fez um frio horrível, fiquei toda dura e jurei nunca mais meter saias.

Você é maluca de virar vice-diretora! Conta rápido o desenrolar da peripécia — espanto! ADOREI as notícias do Culturama. Aqui tem nas lojas uma coisa chamada videocassete e eu faço fantasias de você gravar o programa e me mandar pelo correio. Faça um

arquivo tipo Armando dos recortes da *Amiga!*. Aliás o próprio me mandou um poema de adeus, coisa de aeroporto, sem mais palavras. Pode dizer pro Marcos que eu queria muito carta dele. Não quero modernidades, louca! (embora minha resposta ao silêncio [cartão postal] seja uma modernidade — vício nosso...). Se um dia você for jantar no Ibrahim Sued por conta do Culturama liga DDD pra mim: 0206-79531 (pedir o *rootn* 7). A apostila que você queria era Foucault, *What is an author*, depois peça para alguém que tenha ficado no curso — mas só vai pintar no ano que vem, este ano é só marxismo. Na 1ª semana eles ensinavam o que era *modos of production, means of production, used value, exchange value, commodity* etc. Tipo aula de inglês. Aprendi vocabulário.

Outro dia pintou um cartão da Fiorucci, fiquei tão emocionada pra cacete. Aliás descobri a loja daqui, no bairro do comércio chique (Knightsbridge), preços totalmente inflacionados. A M.Plena é que mora num bairro bacaninha demais (I lampstead), tipo ladeiras e curvinhas, velhos casarões que viraram apartamentinhos. Tem uma menina (Monica Lapoit) que mora num duplex todo estreitinho, com escada em caracol e janelão que dá para Londres lá embaixo, o *domo* da St. PauPs Cathedral, Post Office 'Power, e muito verde por perto.

A comida continua fraca, já vi que os ingleses gostam mesmo é de biscoitinho.

Escreve, louquinha do coração, and TAKECARE.

Saudade,

Ana

P.S.: A *Personality Wheel* é para você e a *túsy Person* é para o Marcos, urgente.

He!ô, love,

Foi muito esquisito eu ligar? Parecia tão peito que quando eu desliguei tiveram de me dar palmada para eu voltar pra onde eu estava! Dá é uma desarticulação, não é? Você era a mesma louquinha de sempre, e logo ali. Saudade!

Taí meu texto sobre o Caetano, a poesia quer é virar prosa; o ensaio quer virar poesia, e vacila quando fala de cadeira — daí você revê só a pág. 2, que tem qualquer coisa de estranha, vaga referência a *Impressões cie viagem* como se vê. Pode fazer um *check-up* rápido? Na pág. 6 precisa completar o nome de uma música que eu esqueci (“todo dia toda hora toda madrugada”). M. Elena discordou e achou que a tradução era mais *macho-man* que o inglês, que o Donne era para amante e o Caetano para esposa. Ela gostou muito da peleja Funarte x R. Faro (valha-me Deus, a burrice da Vera Bernardes) e da tua capa. Mas a letra ficou meio grossa mesmo. Está na minha parede.

Estou lendo *linvy and Gralilude*, é aterrador. Tomo cada linha ao pé do ouvido e fico parálitica de medo.

Ai, ai,

Acho Augusto de Campos meio antipático, é impressão minha ou verdade?

De resto Klein explica.

P.S. Minhas cartas são confidenciais.

P.S.2. Adotado de vez meu nome de Guerra.

P.S.3. Quero a puta carta que se perdeu nos caminhos da vida!!!

P.S.4. Ac:ilx> de perceber um misprim na pág. 7 do artigo (linha 11) que foi errado para o Marcos: é intelectual e não artística. Corrigi aqui e não no dele.

P.S.5. Uma permanente é tudo que se pode desejar. Depois dela fica inimaginável sem ela. *Try one* !

Ana C. Correspondência Incompleta 41 Sexta-feira, 7 de março de 1980

Helô, amor,

Sabe que não parei de pensar em casamento desde que chegou a tua caita maravilha? Antes de viajar confessei para mamãe: assim que voltar caso com o Marcos. E tenho um filhinho aos 30 anos, acrescentei esses dias de agora. Isso quer dizer que comecei a pensar em volta sim. E também que ando tristinha. Fica sozinho e frio de repente. Então imagino que o Marcos fica comigo e me aquece de noite. Será que é verdade? Mas ele é o único namorado que eu não esqueço. Tenho AFETO. Só não vai lá um imaginário que puxa para um buraco. Tinha um recado para-você no texto sobre o Caetano, você viu? Aqui é a maior *megotripy* do mundo, especialmente quando passa aquele delírio inicial em que até supermercado é *exciting*. Às vezes vou passando, passando e acho que o lado de fora não existe quase. Tem fases. Atualmente, depois de andar dizendo que não tinha Brasil nem aí, pintou a fase de saudade, especialmente com a invenção do século que é o telefone. Televisão não dá saudade. Rádio dá saudade porque toca "so cry no more on the shore" que era a música de mim assistindo á Carina.

Tenho a impressão de que novela dançou, é verdade? Agora, no mais, não faz taxímetro que a Embratel daqui sai barato. Tudo parece barato porque 100 cruzeiros é só 1 libra; fica faltando zero, sabe como é? E se você guarda 1 libra no banco, em seis meses no Brasil você fica cheia de zero. Já o meu horóscopo diz que faço excelente progresso até o outono de 80 mas que o inverno será um *problem period*. Minha volta está mais ou menos projetada para então, mas como conciliar hemisfério se aí é verão de novo?

Vai ver eu vou driblar dois invernos e segurar a barra. Altas viagens espirituais é o que vale. Faço cálculos e cronogramas, tento yoga, manuais de psicologia e rituais variados como anotar sonhos, aperfeiçoar diários e souflés de palmito, aprender inglês com o Nabokov (pela primeira vez vejo a língua inglesa em *Lolita*, que

aliás foi o Armando que me mandou ler um dia por uma razão psicanalítica qualquer — tem uma hora, ou um Uso, em que a psicanálise vira uma maluquice de uma falação que faz um sentido danado mas fica ERRADO, e daí além de achar a Maria Elena uma gracinha acho uma pessoa da maior integridade, um "EXEMPLO", e sem a falação). De *Lolita* admiro a sintaxe comprida e coleante, que os irmãos Campos não gostam, mas é na sintaxe que pinta o meu desejo, *and so what?* Da Melanie Klein admirei uma coisa que era uma *ÉTICA*, você não acha que existe isso aí? Da yoga gosto muito daquela história de que poder é *não fazer* mas ainda não saquei bem e enquanto isso mando encomendar uma malha com V até a barriga, de rendas pretas, imaginando *rentrée* tardia na Maria, que aliás como é que vai?

Tua carta eu fico lendo e lendo. Búzios foi uma pesada mas é isso aí esse ano, agora acabou. A briga na Funarte é uma vergonha, isto é, do ponto de vista dos comunistas. A minha primeira leitura do úvrinho foi emocional, devorei lá na casa da Maria Elena e ela pediu para ler e ficou lá. Agora recebi outro livrinho de mamãe (que se mudou para Santiago, tive arrepios de não ter mais lar, Armando faz cara de persecutor) e começo a ler de novo para pensar. Não sei se dá certo porque não consigo mais fazer pensar.

Me manda minha pesquisa quando sair.

Comprei uns discos pelas capas (mais olho que ouvido) e tem uma que é prateada, azul e preta; olhei a minha capa. Tem uma outra dos BEACH BOYS que é só de cartão postal *kitsh-pop*- havaiano com a sombrinha do cartão postal picotado atrás. Tem outro de um conjunto (bom) chamado 10CC que se chama HOW DARE YOU e tem cenas completas assim:

1. Kodacolor do executivo no escritório falando ao telefone.
2. Idem da mulher no sofá, descabelada, robe branco, copo de gin, telefone também, um carro esporte chegando pela janela que dá para o jardim.
(contracapa)
3. Velho cafajeste num telefone público (cabine vermelha) com lenço na boca e sorriso nos lábios e na rua a alguns pés o jovem casal se abraçando no lusco-fusco.
4. Aeromoça com expressão chocada recebendo o telefonema do velho no quartinho com retratos na moldura na mesinha de cabeceira e a televisão ligada numa cena de amor (bem coloridão).

Etc.

Gosto muito disso. Quero transar uma capa igual: uma fotografia colorida dessas que ficam na porta do cinema.

Gracinha do Lula de senhor. Ele te dá pito de vez em quando?

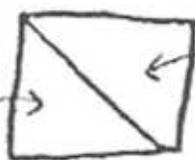
Me conta se o Marcos está mais seguro de si, como se diz (me deu uma aflição que numa carta ele falou que o Montenegro tinha dito que trabalhar não estava com nada e ele ficou cheio das dúvidas).

Eu contei que namorei o Gilberto Vasconcelos em Paris, não contei? Isso depois de longos papos engraçados onde ele contava e recontava a SBPC! Ele tinha que fazer *acling-oul*! Nunca mais esqueceu aquela mulher indiferente e deve estar saliente agora. Ele é muito saliente e interessante mas tem um daqueles casos de longa vida com uma menina de SP bacaninha. Ele prometeu fazer SP comigo e inventei uma pesquisa fantástica com ele, tipo "*ivho's who*" nas capitais brasileiras, de Manaus a Juiz de Fora, quem se considera vanguarda, bares, piqueniques etc. Para viajar e transar as capitais, tipo turminha do Mareio Souza etc. Isso dá um projeto para a... ia dizer Funarte mas calei a boca.

Beth me ligou de Paris ontem às 2 da manhã (não pode!) dizendo aos brados que ia para o Brasil por um mês e perguntando se eu não queria recado para você e mais uma torrente que me deu a mim taquicardia e insônia. Beth me deixa nervosa e não consegui dizer para ela te levar o Benjamin. Você precisa me contar

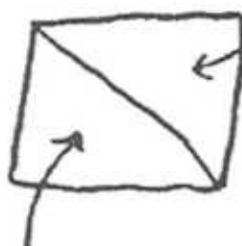
tem outros de um conjunto (bom) chamado
10CC que se chama HOW DARE YOU e tem
cenas completas assim:

1
Kodacolor
do executivo
no escritório
falando ao telefone



2
idem da mulher no sofá, descalçada,
robe branco, copo de gin, telefone
também, um carro esporte chegando
pela janela que dá para o jardim

(contracapa)



3
velho cafagete num
telefone público (caline
Vermelha) com lenço na
boca e sorriso nos lábios
e na rua a alguns pés
o jovem casal se abraçando
no luscofusco

4 (com expressão chocada)
aeromoça recebendo o
telefonema do velho no
quartinho com retratos
na moldura na mesinha
de cabeceira e a
televisão ligada
numa cena de
amor
(tem coloridas)

Etc.

Gosto muito disso. Quero transar uma
capa igual: uma fotografia colorida
dessas que ficam na porta do cinema.

qual é a EDITORA, que eu esqueci. Se precisar pede para o FM/in ou Cecilia que agora estão morando na casa da mamãe enquanto ela está no Chile (é em espanhol).

Às vezes dou conferências sobre o Brasil e falo do Brasil igual eles falam do Brasil para mim. Não existe direito. Gosto de mostrar praias e prédios enormes. Estou com um inglês danado, será que dá para eu vender aí quando voltar? Pergunta numa faculdade se não querem implantar um curso de tradução literária, mas não pode ser em curso de línguas tipo português-inglês que nessa eu não entro, as meninas não são chatas? É capaz de eu querer um trabalho em março *nextyear*. Atualmente entre outras coisas a Beth me deixa nervosa com papos de não voltar mais. Não quero ver. Ou: quero virar uma moça daquelas, que ninguém oprime não, baby. Muito fera e com aquelas idéias simpáticas de casamento, não tomo bem as histórias de Pariscope & suas androginias. Não quero ser moderna (“*trendf*”, que gracinha) nem mestre em sofrimentos.

Muitas declarações de amor,

Beijos,

Ana

P.S. urgente: Releio e penso — acho o texto de vocês dos Anos 70 muito bom mesmo. E tento não fazer imaginações sobre a co-autoria.

24.03.80

Helô, paixão,

Chegou tua carta neste minuto e eu também não dou tempo e saio respondendo e estou aí do lado mesmo, ao som eterno desse nosso Rei. Antes de mais nada eu tenho de te pedir um favor imediato e urgente. É incrível como o meu mestrado n° 2 despertou reações. Recebi uma carta tristíssima da Clara nesse embalo. Quando acabei de ler sabe o que foi que eu disse? Eu disse: “minha filhinha”. Foi isso que eu disse de tanta tristeza. A mensagem era aquela: eu fracassei, vê se você não fracassa que eu vou curtir muito o seu sucesso; vê se aprende de vez a traduzir e a viver, ela me falava *très cloucement*.

Então eu fiz uma coisa horrível que eu queria que você batesse o telefone para Brasília agora e fizesse uma reparação linda de 3min. Eu respondi *très douccment* também mas fui razoavelmente sincera e contei que estava fazendo NADA (o nada assumia uma dimensão quase filosófica, ah, ah), e que na certa ia continuar a fazer nada, que eu era constitucionalmente uma escritora mas nunca seria de verdade, sei lá o que mais, ah sim, que a modernidade me perseguia e eu gostava do cantinho inglês, aventuras apenas ao alcance da mão, e uma preguiça divina, enfim, a carta errada para a Clara. Eu queria que você dissesse que tinha recebido uma carta minha e que depois de um lapso no ócio eu tinha virado uma suave máquina de produção, decidida a trazer um canudo precioso todo escrito em inglês, depois de um ataque de escrever quatro *assttys* de uma vez só, um sobre os irmãos Campos, outro sobre Emily Dickinson, oítro sobre os metafísicos e um quarto de teoria da tradução, e a lese um desdobramento c mais não sei quê. Eu queria que a Clara ficasse feliz, nem que a gente pregasse mentira. Mas não é mentira muito não. Eu expliquei que não dava para nenhum *tour de force* porque eu já tinha diploma de mestrado e além disso uma fortuna no banco, em libras,

e mamãe vem me ver em abril, e fico sozinha imaginando coisas e lendo psicanálise e Walt Whitman e revista de domingo do *Observer*, e tem uma blusa de seda de Xangai com bordados furadinhos, e uma malha com um decote rendado que chegou pelo correio, você quer? Mas aí acontece que enjoei do meu quarto e fiz uma mudança nos móveis, a mesa foi parar debaixo da janela, o que é bom sinal, e eu sentei e traduzi uns poemas da Emily Dickinson com rima e tudo, e métrica, e notas, e vesti a malha e fiz flexões, yoga e discoteca, a vizinha estranha bateu na parede, acho que o som estava alto demais. Você acredita que aqui...

At the turn of the year, the post papers were full of retrospective articles about the 70s— its trends, fads and fashions, but nowhere did I see a mention of structuralism. BBC television will carefully explain relativity and catastrophe theory to the viewing millions, but if there has ever been a programme about structuralism. I missed it.

It looks as if structuralism may be the first such movement through the complete life-cycle of innovation, orthodoxy and obsolescence, without ever touching the popular consciousness.

Observer do último domingo. “Posh” é uma palavra fundamental. Já me disseram que eu falo *posh*, o que com o desprestígio da nobreza está meio *outdated*. Falando sério, capaz até de eu produzir e faturar, passou minha tristeza, e além do mais seus argumentos são muito engraçados, essa graça vale ouro. Pensarei no assunto e você seja minha agente literária, que aliás já está funcionando — folguei em saber da *Alguma poesia*, lembro sim, só espero que tenha dado tempo de corrigir um negócio lá que eu mandei para o Marcos. Fiquei contente, beijos pra você. Você acha que o meu casamento dá certo? Não, retiro a pergunta. Vejo sempre a Maria Elena que é sim uma gracinha, só que quando junta psicanalista eles só falam de psicanálise com uma tesão incomparável. Ela me dá mais Klein e eu devoro, e da última vez ficamos intrigadas com coisas tais como — existem mesmo essas

moças lésbicas e felizes (que ninguém nos ouça), porque se existir quero saber como é? Ou então — a psicanálise (outra vez, mas quem escapa?) não dá a menor conta da modernidade, coitada. Isso tudo tomando licores e chocolate, faz mal pra pele. Fico perplexa com aquelas pessoas que têm o consolo eterno das ciências psicológicas, mas a Maria Elena me jurou que não era bem assim.

Espero *Impressões de viagem* & maré mais tranqüila. Evito comentários. Achei um espanto o selo de má qualidade da Funarte (quem é que manda nessa espelunca afinal de contas?). Vou comprar o Benjamin e a Machiochi (?) em Paris agora na Páscoa, e mamãe leva de volta pra você. Me escreve depressa se você deseja mais alguma coisa, ou pelo menos discrimina categoria de roupa — casaquinho? — ou de qualquer outro desejo, que portador como esse aí é raro.

Marcos me escreveu uma gracinha de carta, contou que os pais se separaram (difícil) e que pensa em mim etc. Travei uma noite com um inglês, contra minhas propostas acertadas de abstinência; fiquei meio arrependida, pescoço pendurado.

Não peguei bem onde foi que você reagiu diferente nessa loucura toda. Estou começando a perceber com horror que namorado dá mesmo desilusão de bolo desmanchado; a alternativa para não sentir essa brochada é um quebra-pau, ou seja,

Revolution: it's highly debatable.

Escreve sem comercial!

Yours forever Ana C.

7 de maio de 1980

Helô, minha querida,

Desculpa a demora e o suspense e os cartões enigmáticos e os telefonemas desvairados, mas só agora cheguei mesmo no meu canto e posso escrever direito. Direito mais ou menos, porque hoje tirei um quisto do olho e estou de pirata, com imensas bandagens extravagantes debaixo dos óculos. Lance de hospital público inglês, tantos velhos puxando papos deprimidos, a enfermeira segurando a sua mão na hora da anestesia, falando banalidades "to cheer you up", e você sai de um olho só, sem equilíbrio, passantes lançam olhares discretos, leve curtição masoquista, vontade de estar elegantíssima, aprumo o passo e vou ao banco e ao supermercado representando minha própria competência. Caolha.

E foi caolha que me propus a recomeçar. Fiz uma alta sopa de legumes e botei ordem na casa. Mamãe foi embora domingo, e eu ainda fiquei uns dias na casa da Mônica (amiga da Maria Elena) botando pra chorar. Pedi para ela descolar uma pessoa tipo apoio- psicoterápico-uma-vez-por-semana. A história se repete ligeiramente.

Fiquei contente quando soube que minha mãe vinha. Entrei numa de produção, traduzi cinco poemas e meio da Emily Dickinson, com a idéia de transar antologia no Brasil ou mesmo doutorado com o Augusto de Campos, que seria simplesmente isso: poemas traduzidos seguindo-se comentário da tradução. Escrevi os comentários e ficou pronto o primeiro ensaio para a universidade. Faltam só três e uma tese. Com dois olhos acho que faço. As traduções legazinhas, com rima e tudo. E a Emily é incrível demais. Outra idéia é um texto sobre Emily / Maria Ângela Alvim, que tal? Tipo literatura, que atualmente eu quero é fazer literatura mesmo.

Então foi assim. Conheci um carinha ótimo na véspera da partida, almoçamos em Covent Garden, que é um daqueles lugares que desmentem que Londres é um cemitério; planejei a viagem toda, comprei passagem tipo ônibus-seajet-ônibus, comprei malinha vermelha de nordestino (made in Tchecoslovakia) e rodinhas; sobretudo planejei *não* ficar na casa da Beth, porque da outra vez me deu o maior stress, ela não pára de falar, nem de receber até seis da manhã, nem de seduzir as moças bobas como eu. Um stress mesmo. Ela não pára de fazer discurso teórico sobre homens e mulheres ("bofes" e "rachas") e bichas e sei lá. Ela acha que tem uma coisa chamada "coco" entre mulheres, que eu e você temos um coco, você e a Carolina, ela e a Maria Clara, a mãe dela e a amiga dela, eu e ela, sei lá. Cheio de coco de mulheres. E um clima em cima. E eu muito impressionável estressada. Ouvindo sem parar. Enfim, o que interessa é que dessa vez eu não queria nada disso, ora pombas. Peguei meu ônibus e me hospedei na casa de um casal que mora em Paris. Lá fui eu. Passei uns três dias ótimos lá. Pui a um cabeleireiro chique, chamado Gérard, ele chegou e disse "*jevois ccouta*". Eu falei pouco francês, ele escutou, escutou (isto é olhou, olhou) e fez um coite incrível, mudou tudo, fiquei com cabelo CURTO, FRANJA, e ainda por cima umas perolazinhas trançadas aqui e ali, um barato. Comprei macacão cor-de-rosa, sapatinhos lilás e um batom do St. Laurent rosa-choque (nº 23), no estojinho de camurça preta, um barato. À noite no apartamento teve até cena de studio e eles me fotografaram de *new look*. Quando eu vi estava até ficando bonitinha pra mamãe. Enquanto isso fazia Um dia lindo, eu ia passear com a menina por Paris, altos papos ou silêncio na Place de Vêges, de onde aliás te escrevi um cartão postal. Livre de Beth, de mania, de confusão. Quieta, e com aquelas pessoas simpáticas, comendo bem e esperando mamãe. Comprei uma *conchillc* para Nice onde íamos nos encontrar. Transei o hotelzinho no Quattier Latin. Aí o casal foi me levar à gare de noite e tinha um engarrafamento, uma



manifestação poética, um encontro de motoqueiros, sei lá, o fato é que eu perdi o trem. Que chatice. Perdi por dois minutos. Fomos pro bar de Montparnasse beber muito, encontrar gente.

[...]

Dia seguinte, tudo normal. Um pouco de ressaca. Mamãe tinha chegado a Nice, falamos pelo telefone. Eu ia pegar o trem essa mesma noite. Outro dia lindo. Tarde no Centro Pompidou, o lugar mais bonito de Paris.

[...]

Recebi notificação do correio para ir buscar uma carta. Era a tua de janeiro, que veio de navio, e eu ainda paguei a diferença. Selagem errada e notícias antigas, detalhes dos Anos 70. Marta e Pedrinho ainda namoram? Hoje chegou cartão dele dizendo que me ama tanto... A tal Grazyna Drabik é uma polonesa que transa com aquele meu primo que você achou bonito na praia, o Rubem César, lembra? Não conheço.

Gostei da matéria da *Veja* sobre *Impressões*. Mas mais ainda de você escapando da gabeirice. Gênio.

Liguei pro Marcos no aniversário, mandei presente, cartão americano, tudo, e ele nada. Dançaram os desejos de casar com quem quer que seja, estou na fase de achar que sou enganada, e além do mais acho que a insegurança do Marcos ia me dar nos nervos. Mas ainda acho que é o melhor partido para mim.

A tua carta sem selagem não dizia nada sobre o João, vai ver qualquer dia eu recebo outra notificação.

Ontem chegou carta atrás do convite das *Impressões*. Não recebi o livro mas a Maria Elena já tem. Vou lá ver. Recebeu os livrinhos de Paris, e o caderninho?

Li da barra daí no *I.e Monde*. Li não, minha mãe irradiava pra mim enquanto eu delirava num canto onde parecia que não tinha real.

Eu não quero fazer o erro de cálculo da Clara nem virar umar desvairada. E daí?

Planos práticos: vou ficar aqui em Colchester até acabarem as aulas, isto é, final de junho. Aí me mudo se Deus quiser para Portsmouth, onde vou dividir uma casa com dois ingleses. Quero passar o verão à beira-mar escrevendo a tese. Se pintar companhia faço viagem. No meio da loucura de Paris teve uns projetos tipo — vamos para uma praia na Espanha, em Ibiza? Mas nem pensar. Agora acontece o seguinte: se pintar na minha frente eu me jogo de cabeça outra vez. Tem um drama de uma renúncia que por favor não me diz que é lá trás, mamãe e tal, *acting-out*.

Minha passagem de volta acaba em um ano, isto é, dia 23 de setembro que foi quando eu embarquei. Aí ou eu volto ou pago a diferença para renovar a passagem. Não quero voltar correndo. A idéia é essa casinha dar certo, e dar para ficar escrevendo e andando de bicicleta ao máximo. Talvez um empreguinho leve nessa cidade. Queria ir a NY em setembro. E queria desfazer o mito de Paris, está me irritando: toda vez que eu vou lá apronto uma e fico achando aqui um convento. É mesmo, mas será que não dá para entender que eu me dou bem no convento?

Vagamente tenho o Natal como data de volta. Me chateia um pouco, porque aqui tenho uma vida fácil, dinheiro no banco, sossego total, não tem o menor sufoco, fica só a cabeça pendurada. Aí vou ter que despendurar tudo. Tuas cartas me dão a maior força.

Eu imaginei que aqui através de uma série de provas meio heróicas eu ia “entrar nos eixos”, que é mais ou menos parar de ser infeliz de cabecinha pro lado e de esperar com certa esperança que *BLISS* vai pintar mais cedo ou mais tarde.

Foi essa a minha fantasia de viajar. A fantasia boa.

Voltei pro convento.

Adoro ver televisão, a invasão da embaixada do Irã em todos os detalhes. As homenagens a Hitchcock.

Enquanto isso tem um bando se divertindo em Paris, a Cidade-Luz?

Porra, lielô, está difícil. Eu estava tão contentinha quando cheguei, tinha até um namorado italiano. Fui pra Paris e me fodi. Me engajo no que posso, vou fazer o diploma, tirar o tampão do olho para ver melhor, ler Katherine Mansfield, cozinhar, ver uns filmes, vamos ver se pintam umas entrevistas, mas porra! *Buraco preto*. Será que vou dançar na vida? Meu olho vivo tá tapado. O lado de fora bate pouco.

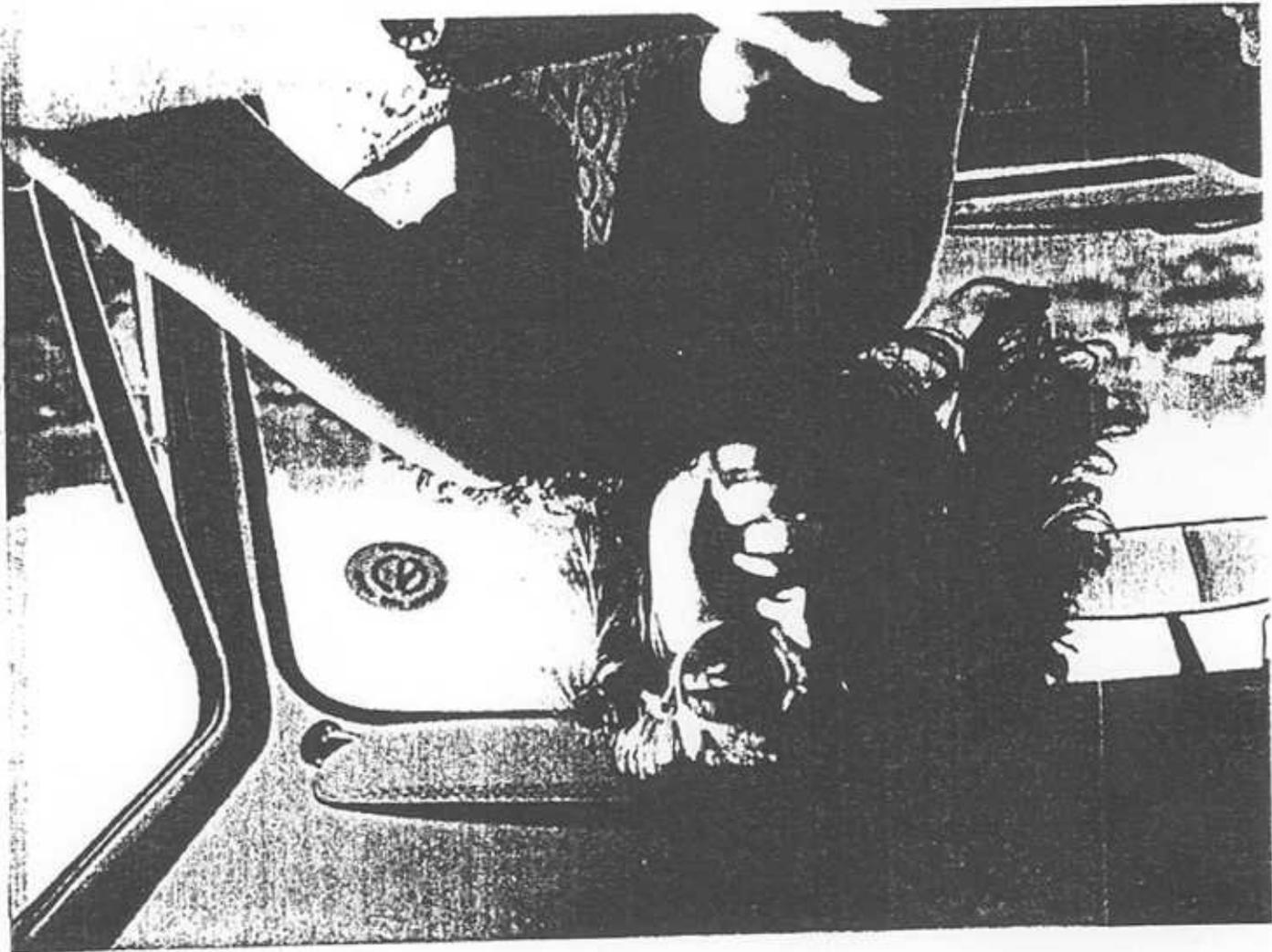
Saiu meu texto na *Alguma poesia*? Espero que tenha dado para corrigir. Isso ia me consolar.

Espero os livros & carta.

Milhões de beijos Ana

¹S. Mc manda um contato com o Augusto de Campos (pedido sem a menor convicção).

Sobre a correspondência



CZ> onhcci Ana Cristina nos anos 72-73 — em tempos de Médici —, quando, de volta da Europa e não podendo mais ensinar em meu antigo emprego, a UFRJ, acabei por conseguir um contrato na PUC, onde passei a trabalhar no curso de Literatura Brasileira.

Como aluna, ela me chamou atenção, primeiro, pela maneira *dandy* de se vestir, pela aparência inglesa que sempre teve e, sobretudo, pela atitude entediada diante das complicações estruturalistas greimasianas, trazidas da França, com que eu apresentava os contos de Guimarães Rosa. A cabeça deitada sobre os braços caizados e apoiados numa carteira bem no fundo da sala de aula, Ana Cristina dormia ou fingia dormir. Rapidamente recompreendi a hostilidade como crítica muda, a que correspondi atenuando a teoria indigesta, e passando a ler e comentar os autores, a literatura e a crítica em português claro. A atitude de Ana Cristina também mudou neste e nos cursos seguintes em que me acompanhou. Mostrou-se aluna atenta, inteligente, muito estudiosa e inutilmente aflita diante dos trabalhos e provas de meio e fim de período.

Tivemos a sorte, naquele tempo, de uma intensa e divertida convivência, dentro e fora da Universidade — tanto alunos como professores. Entre os alunos que assistiam aos cursos monográficos em que nos concentrávamos na leitura e compreensão de Guimarães Rosa, Manuel

Bandeira, José de Alencar e outros mais, estavam sua amiga Ana Candida, Geraldinho Carneiro, João Carlos Pádua, Patricia Birman. Entre os professores, que ainda precisávamos terminar os cursos de pós-graduação, éramos mais amigos: Vilma Arêas, Cecília Londres, Cacaso, Vera de Pádua (Helô permanecera na UFRJ). A diferença de idade e de condição de alunos e professores não impediu em nada uma aproximação entre nós todos, que falávamos a mesma língua, tínhamos interesses, simpatias e antipatias comuns e um mútuo afeto crescente.

Comigo — embora (e por isso mesmo) seus repentinos do que ela mesma chamava sua ferocidade fizessem abruptas aparições, provocando, às vezes, brigas, depois referidas cripticamente na

\

Correspondência completa — a relação continua sensíveis projeções de mãe e filha. Ana Cristina me telefonava muito, ia freqüentemente a minha casa, brincava com meus filhos. Falávamos de literatura, caçoávamos dos outros, contava seus namoros e se queixava das contínuas somatizações resultantes — nos anos 70, quase todos fazíamos psicanálise e nossas conversas eram cheias de subentendidos sobre sintomas. Ríamos muito juntas e o riso nela — que se mantinha em permanente estado de excitação — era vizinho do choro. Ficou muito amiga de meu marido e de nossos amigos.

A separação, quando tive que me mudar para Brasília, em 76, foi dura. Nossa correspondência — em que eu, com filhos pequenos e um novo trabalho muito intenso e diferente do habitual, fui mais faltosa — data desse tempo. Ecos de antigos problemas políticos me impediram, naquele momento, de ingressar na Universidade de Brasília. Ana Cristina notava e lamentava meu afastamento da literatura; tanto nas cartas, como pessoalmente, lançava iscas para me fazer voltar ao interesse dispersado e, então, substituído por crescentes preocupações de natureza mais política e sociológica. Nesse período, viajei com certa freqüência ao Rio e estive com ela quando podia. Ana foi duas vezes a Brasília. Na primeira, hospedou-se comigo e, na segunda, com Cecilia Londres, que ela chamava de Cecil. A distância física e as ocupações diferentes causavam malentendidos. Eu, preocupada com sua tendência em não fazer o mestrado em Literatura na PUC, pensando, erradamente, que isso a impediria de trabalhar no que era de seu interesse. Ela, me explicando insistentemente, às vezes irritadamente, as suas razões, que eram de peso, e não a impediram — antes, muito pelo contrário e apesar das enormes dificuldades de ordem pequeno-política e financeiras — de tornar-se cada vez mais senhora da matéria que perseguiu permanentemente: a literatura. Enviando artigos para os jornais da época, fazendo resenhas e traduções, dando aulas no curso secundário, Ana conseguia, cada vez mais, desmanchar a biografia para chegar a este seu alvo fundamental.

Clara Alvim

ntes dela, conheci sua poesia. Por volta do final de 1974 ou do começo de 1975, não me lembro com exatidão, Clara Alvim me falou de uma aluna sua, da PUC, que tinha uma poesia interessantíssima, que ainda ia dar o que falar. Alguns dias mais tarde, Clara me trazia os poemas prometidos. Minha empatia com a poesia de Ana Cristina Cesar foi imediata e seus poemas entraram como primeiríssima opção na seleção de inéditos que eu estava fazendo para a antologia *26 Poetas hoje*.

Passados uns dois ou três meses, num debate lotadíssimo do ciclo Casa Grande, um daqueles que fizeram história na época, Clara me apresentou à autora dos poemas que havia me encaminhado. Olhei, curiosa, para a aluna de Clara. Ana Cristina tentou se livrar de mim o mais rápido possível. Era muito bonita, tinha um riso nervoso e um temperamento obviamente instável.

Nossa aproximação posterior se deu de maneira meio burocrática: a escolha dos poemas, a discussão de praxe sobre uma censura possível à publicação, a cessão de direitos autorais.

Nesta época, eu morava numa casa antiga na rua Faro, número 21. Talvez pela conjuntura do meu momento de vida, talvez pelo clima agitado das manifestações culturais “marginais” que, a sua maneira, anunciava a perspectiva de uma abertura política, a casa da rua Faro tornou-se uma espécie de ponto de encontro da cultura alternativa. Os grandes *habitués* eram Clara Alvim, Chico, Cacaso, Armando Freitas Filho, Ana Carolina, Eudoro Augusto, Clare Paine, Sergio Santeiro. Por lá circulavam os poetas marginais e os não tão marginais, estudantes, o povo do Teatro Ipanema, a *troupe* do Asdrúbal, os jornalistas dos periódicos *Opinião*, *Movimento*, *Beijo & otllms* e a equipe do programa *Café com letra* que realizávamos semanalmente para a Rádio MEC. Foi nesse contexto que Ana chegou à rua Faro e nos aproximamos um pouco mais.

Ana Cristina não era uma poeta marginal convicta. Fazia uma clara diferença do grupo, apesar de, de maneira paradoxal, com ele identificar-se profundamente. Era, digamos, uma poeta marginal “especial”.

E todos — poetas e leitores — reconheciam isso. Além disso, havia nela uma inquietação que a mantinha ostra logicamente eqüiclistante do suas várias vocações e caminhos profissionais possíveis. Ana admirava a academia e integrou-se imediatamente ao grupo de estudo que se reunia na casa do Cacaso promovendo leituras infundáveis de Lucáks, Benjamin, Antonio Cândido. Encantou-se com a imprensa alternativa e marcou presença no corpo de colaboradores e nas reuniões dos principais suplementos e tablóides da época (tendo, inclusive, namorado e algumas vezes se apaixonado por vários de seus integrantes). Era professora do Estado e do Colégio Souza Leão e exercia esta atividade, que na realidade consistia no seu real ganhá-pão, mais ou menos em sigilo. Mais tarde, conseguiu um emprego na Globo como analista de novelas, emprego que exibia como uma espécie de malcriação subversiva. E continuava, prolífica, com o talento incrível que Deus lhe deu, escrevendo poesia.

Nesta atividade, o que guardo na memória é uma traço muito peculiar seu. Ana escrevia porque sabia escrever, gostava de escrever, mas, sobretudo, porque precisava escrever. Vou tentar explicar um pouco melhor essa impressão muito pessoal minha. No ambiente agitado da rua Faro, era fácil perceber que Ana, para usar um termo de hoje, não era uma pessoa “situada”. Parecia sempre ansiosa, levemente *genée*, querendo chamar atenção a qualquer custo mas ao mesmo tempo se sentindo extremamente desconfortável quando notada, apreciada. Sua enorme afetividade procurava mas parecia não encontrar a direção certa. Era uma pessoa de relações e amizades intensas, invasivas, possessivas. No fundo, basicamente oblíquas. Ambivalentes. E sofria com isso, queria se livrar disso. E escrevia. Escrevia poemas, diários, cartões, cartas, muitas cartas. Não será à toa que a questão que sua escrita ainda hoje levanta é a questão do interlocutor, de seu destinatário: Para quem Ana escrevia? Ou para ser mais correta: quem escrevia, quando Ana C. escrevia? Uma pergunta que conseguiu manter em aberto através de toda a sua obra. Essa, sua grande *expertise*.

Nossa relação, desde os tempos da Faro, tomou um atalho nesse labirinto. Fiquei com a Ana instável de nosso primeiro encontro na platéia do Teatro Casa Grande. Fui orientadora de sua tese de mestrado, *Literatura não c documento*, “arquiteta de interiores” de seu apartamento na Gávea

(ou *casinh;i* como ela preferia), leitora de plantão, capista de vários livros seus, supervisora editorial de outros, ouvinte impassível de complicadíssimos namoros e aparentemente dramáticos impasses existenciais, sua anfitriã em inúmeras estadias em Vargem Grande ou em Búzios. Foi ali que inventamos o minivolume *Correspondência completa*, que foi publicado pela primeira vez, já na segunda edição, e se resumia a uma única carta, obviamente falsa.

I

Ana gostava de amigas mais velhas. Comportava-se como se estivesse sempre em crise e fingia que precisava de nossos conselhos. Eu não acreditava nisso. Por isso provavelmente ela tenha tantas vezes me acusado de “distraída”.

Em 1979, apareceu na minha casa agitadaíssima com a idéia de concorrer a uma bolsa que a Rotary Foundation estava oferecendo para estudos no exterior. Acabamos discutindo exaustivamente qual seria o discurso que pudesse impressionar de fato os imponderáveis rotarianos na prova final que seria uma entrevista pública e formal, na sede do clube. Parece que o discurso foi o correto. Ana viajou para Colchester, com a bolsa do Rotary e com o firme propósito de estudar Sociologia da Literatura. Voltou, um ano e meio mais tarde, com o diploma de Bachelor of Arts pela Universidade de Essex, com uma refinadíssima tradução de *Ulysses*, de Katherine Mansfield. Neste trabalho, seu fascínio pela persona do tradutor frente a frente com a escrita do *outro*, suas opções de linguagem e as questões que explicita à margem do texto, revela que *Ulysses*, sua tese, vai bem além de um erudito exercício de leitura e interpretação. Na realidade, desenha sua profunda ansiedade diante da interdição de alguma coisa da qual Ana procurou, mas não encontrou tradução satisfatória, nem em Essex, nem em qualquer outro lugar. As cartas incluídas neste volume, selecionadas entre as que foram enviadas da Europa para a rua Faro, se referem a este período.

Heloísa Buarque de Holanda

l'X mais antiga lembrança que tenho de Ana Cristina Cesar data de março de 1971, quando a vi na PUC do Rio de Janeiro, onde eu era professora de Teoria da Literatura. No meio da garotada saída do verão, Ana Cristina era a própria caloura que vinha do frio. Usava roupas em tons neutros, um chapéu de feltro marrom, e tinha um ar entre o *blasé* e o desafiador que chamava a atenção. Não havia como ignorar sua presença. Aos 18 anos, Ana Cristina já era mestra em criar sua própria personagem.

Ela estava matriculada na turma de Heidrun Krieger, com quem eu dividia a disciplina no ciclo básico, mas nos encontrávamos nos seminários que fazíamos com Cacaso. Em tempos de vestibular unificado, quando vinham parar no curso de Letras alunos que tinham como primeira opção Zoologia e Nutrição, ter uma aluna como Ana Cristina na sala de aula era uma bênção. Creio que ela, assim como Geraldinho Carneiro, Flora Sussekind, João Carlos Pádua, Luis Olavo Pontes, Gustavo Bernardo ..(então ainda Gustavo Krause) e alguns outros, viam na Teoria da Literatura o único espaço, no ciclo básico, onde podiam estudar e discutir os temas que realmente lhes interessavam. E, principalmente através de Cacaso, cujo apartamento na Avenida Atlântica era um verdadeiro “salão” onde Yodo”mOndo’se~ encontrava, os alunos-poetas foram ficando amigos. Mas a amizade entre Ana e eu só foi se estreitar anos mais tarde:- * —

Em 1974, quando Cacaso já havia saído da PUC, resolvemos formar um grupo de monitores, em que se incluíam Ana Cristina e também Ana Candida. Foi nesse momento que Ana e eu começamos a ficar mais próximas, muito mais por iniciativa dela, pois eu ainda a via como alguém de outra geração, com uma cabeça muito diferente da minha, marcada pela experiência como estudante universitária pré- A15. Só aos poucos fui percebendo seu jeito de ser política, que passava pelas questões da cultura, do feminismo, e sobretudo por uma percepção muito aguda do papel do intelectual. Ana militou como era

possível militar nos anos 70, discutindo politicamente o fazer .literatura em scgs artigos no *Movimento* e no *Opinião*.

Se Clara se via como mãe na relação com Ana Cristina, eu me sentia como sua irmã mais velha. Às vezes ela me fazia de confidente, esperando conselhos que nem sempre vinham, pelo menos do jeito que ela queria. Essa minha atitude a deixava, às vezes, irritada. Mas o que eu percebia era uma força para mergulhar de cabeça na vida e voltar à tona que, quando lhe faltou, anos mais tarde, a deixou completamente desarmada.

Ana era intensa, encantadoramente afetiva, mas também exagerada na sua exigência de atenção, o que assustava seus amigos e namorados. Ela mesma percebia isso, tanto que incorporou às suas cartas o que Adrian Cooper, o cineasta inglês que foi seu namorado, costumava dizer: *Don't exaggerate, Ana!*

Apesar de nossas diferenças, ou talvez por causa delas, ficamos muito próximas nos dois anos que antecederam minha ida para os Estados Unidos e meu casamento. A partir do início de 1976, quando resolvi ficar em Washington com Gelson, cobríamos a distância com uma enxurrada de cartas (mais dela que minhas, felizmente!). Ana foi das primeiras pessoas a ser comunicada sobre a minha decisão, e sua resposta já anunciava a delícia que ia ser virar sua correspondente.

Voltando ao Brasil, fui morar em Brasília, para onde Clara tinha vindo um ano antes. Nesse período, nos falávamos por telefone, e rios víamos nas minhas freqüentes idas ao Rio, e nas duas vezes em que ela veio a Brasília. Acompanhei o início de sua vida de trabalho, o duro que ela dava nas aulas em colégios e cursos de inglês, e admirava sua responsabilidade e seu profissionalismo. Não entendia porque ela não conseguia oportunidades à altura do seu talento. Mas não era disso que ela se queixava, e sim das dificuldades para ter independência financeira.

Creio que todas nós, suas amigas mais velhas, éramos um pouco como sua família ampliada. Lembro que quando eu estava no Rio para o nascimento de meu primeiro filho, Ana veio me visitar —d \

cóm a avó, que me trouxe um pote de *bomemade jam*. Disse: “Quero que você veja que eu tenho amigas normais...” *—i

cópia das canas que tinha me mandado. Mas eu, ocupada com filhos pequenos e trabalho, fui adiando as providências. Ela não ficou satisfeita com as cartas do livrinho, e chegou a me culpar por isso.

Na volta de Essex, mais uma vez Ana teve dificuldade em conseguir um trabalho na sua área de interesse. O emprego na Globo era curioso, pagava relativamente bem, mas não era esse o caminho que ela queria. A vida pessoal também começou a complicar, a simpática casinha de vila na Gávea durou pouco, e, em junho de 1983, percebi um sinal de alerta quando não tive resposta ao meu telefonema de parabéns pelo seu aniversário.

Em julho, encontrei uma Ana esquiada, que não queria se mostrar, triste, escondida atrás de uns óculos escuros. Veio me encontrar forçada, e fomos almoçar num restaurante à beira-mar. Chorou várias vezes, e, em nenhum momento, o riso apareceu. Tudo que ela havia conseguido na vida parecia não ter mais valor. O curso de tradução literária que daria na PUC, no segundo semestre, era a única coisa que lhe despertava algum interesse. Mas o curso, caro, não teve alunos suficientes. O que veio depois fiquei sabendo através de contatos com sua mãe e com amigos.

Em todos esses anos, lendo o que aparecia sobre ela, fui me... dando conta de que as cartas que eu tinha guardadas não eram apenas uma lembrança. Eram também um documento da época e de sua pessoa, e, com isso, fui vencendo as resistências para publicá-las. Afinal, ninguém melhor que a própria Ana para escrever sua biografia.

Cecília Londres

C,

Conheci Ana Cristina em 1973, no 2^a ano do curso de Letras Português-Literatura da PUC-RJ. Ela acabava de voltar da Inglaterra, onde havia participado de um programa de intercâmbio estudantil. Foi no curso do Prof. Milton José Pinto sobre o teatro de Nelson Rodrigues que nos encontramos pela primeira vez. Sua inteligência, originalidade de pensamento e senso de humor “tongue in cheek” chamaram minha atenção quando ela apresentou um trabalho sobre uma peça do autor. Ela disfarçava a insegurança com uma pose estudada — chapéu desabado, túnica indiana e pantalonas, e uma ponta de arrogância.

Fui uma espécie de mediadora da sua integração na turma, porque alguns colegas recebiam o que parecia ser uma atitude de superioridade dela, mas que eu percebi ser autodefesa. Ana Cristina tinha a fragilidade da “menina prodígio”. — -

"Nossa amizade nasceu e desenvolveu-se alimentada por interesses, gostos e projetos comuns — sempre em torno da literatura e, subsidiariamente, cinema e arte em geral. Ambas tínhamos predileção por autores ingleses (Virginia Woolf, Sterne, T.S. Elliot, Katherine Mansfield, Emily Dickinson) e havíamos estudado inglês durante vários anos, mas optado pelo curso de Literatura Brasileira e Portuguesa da PUC porque era também um curso de teoria literária, onde ensinavam professores com os quais tínhamos afinidade de pensamento. Sem dudar dizê-lo, achávamos que seríamos (éramos?) escritoras, e o curso de Letras era uma passagem para esse futuro. Eu já pressentia, porém, que a diferença entre nós era que Ana Cristina tinha a determinação que me faltavam, e que eu abandonaria essa veleidade, enquanto ela perseguiria seu objetivo. A troca de correspondência foi em parte uma experiência com a escritura — em uma das cartas Ana Cristina sugere publicar as cartas como unio de ficção. O segundo período da nossa correspondência, sobretudo, em que ela estava na Inglaterra e eu no Brasil, correspondeu a uma

\

amizade puramente epistolar, pois não nos víamos há bastante tempo, e quando ela voltou para o Brasil só nos encontramos uma vez.

Apesar do clima politicamente claustrofóbico da época, conservo a lembrança dos anos da faculdade_ (1972-75) como “anos dourados”, num Rio de Janeiro que ainda era ameno, e em que saíamos errTgrupo da aula para continuar com os professores as discussões sobre literatura no Baixo Leblon (que não era moda). F.m parte porque a literatura mantém uma relação de complexa mediação com o reálTe os pensadores que~hõs' tnflucnciavam -eram- os que- refletiam sobre' essa mediação, em parte porque o ambiente"classe“inédía -da Zona ■Sul da PUC era mais poupado e, de~"um mõiçTgêní lplevávnmos-uma vida descompromissada e protegida, recordo que nossas discussões intermináveis, e grupos de estudo, na casa do Cacasò e'de"òutrós professores, eram indissociáveis da diversão e do prazer de viver, dos encontros e paqueras nos pilotis e shows da PUC, da turma de praia de Ipanema_v

Nossa turma graduou-se no final de 1975. No início de 76, enquanto Ana Cristina permanecia no Rio, buscando a difícil profissionalização no campo literário, tentando escapar da quase inevitabilidade do magistério e da carreira acadêmica, eu preferi espichar o descompromisso de estudante e fui para Montreal, onde meu pai estava trabalhando, especializar-me em literatura comparada. A primeira fase da troca de cartas com Ana Cristina corresponde a esse período (76-77). Quando voltei para o Rio, Ana .Cristina estava na Inglaterra, fazendo o mestrado na Universidade de Essex. É dessa época o segundo conjunto de cartas.

Ana Candida Perez

CRONOLOGIA Waldo Cesar

1952 - Rio de Janeiro, 2 de junho. Nasce Ana Cristina Cruz Cesar, filha de Waldo Aranha Lenz Cesar e Maria Luiza Cesar.

Fui para a maternidade logo cedo. Li e escrevi um pouco, até que disseram: chegou, é menina. Maria bem, um pouco cansada. À tarde voltei, mais a avó, O avô e a tia - e vimos a menina que tinha poucas horas. Uma filha... Pensar muito nela e ajudá-la em tudo. Como vai ser? Imagino ela e a mãe muito amigas. Vai ser uma criatura bonita, viva, inteligente. Sou pai. O tempo caminha, f.../

Felicidades, Ana Cristina! (Do diário de Waldo Cesar.)

1954 - Ingressa no "Maternal" do Colégio Bennett (atual Instituto Metodista Bennctt), Rio.

1956 - Começa a ditar suas poesias para a mãe, caminhando, às vezes aceleradamente, sobre o sofá. As pausas mareavam ritmos, indicando possível mudança de linha.

1961-1963 - No Colégio Bennett completa o curso primário e o secundário. Funda e dirige o *Jornal Juventude Infantil*, "Jornal escolar e familiar", que recebe elogios por escrito da diretora Iracema França Campos.

1964 - Viagem ao Uruguai (Montevideo), a primeira ao exterior, com os pais e seu irmão Flavio. De carro, via Curitiba, Caxias do Sul, Porto Alegre, Pelotas, Chuí.

A fronteira entre Brasil e Uruguai é um fosso sujo, onde «5 há um guarda. (Diário de Ana Cristina.)

1966-1967 - Após curto período na Igreja Metodista da Catete, Rio, torna-se membro da Igreja Presbiteriana de Ipanema (atual Comunidade Cristã de Ipanema), onde se destaca no trabalho da mocidade e dirige o jornal mensal *Comunidade* (\mmeogní:\Ao). Intensa produção escrita (cadernos,

\

blocos, diários), por vezes com o registro de marca de sua invenção: “Editora Problemas Universais”.

1967 - Completa o curso ginásial no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, Rio. Oradora da turma.

1969- 1970 - Sob o patrocínio de um programa de intercâmbio da juventude cristã (International Christian Youth Exchange), estuda um ano em Londres, no Richmond School for Girls. Entre cidades e regiões percorridas: País de Gales, Belfast, Dublin, Roma, Florença, Milão, Nice, Cannes, Paris, Amsterdam, Nova York, Boston.

Londres, 19 de setembro, 69 -... Aí tuas cartas têm um cheiro paterno tjite lembra pedra sabão e uma imperceptível névoa avermelhada.

Londres, 30 de setembro, 69- Não se desconsola, mas não dá para a pente ir ver I Iaïr, porque tem filas homéricas e só reservando com 3 meses de antecedência. A não ser que você tenha um pistolão. O Harold Wilson é teu amigo?

Londres, 13 de outubro, 69- Mamãe, sinto tua falta. O pai trouxe consolo, amor, desequilíbrio, pensação. Esta Inglaterra me dói às vezes. [...] Fomos ver Hair, estupor, estupendo, fomos ao bairro pobre de Londres (Nothing Hill), voltei com o pai à magnífica St. Paul, e descobri a torre de Londres e a Ponte. I: noite de domingo, triste, sendo frio, frio, sendo triste.

Londres, novembro 69 -... as cartas vêm em fluxos, entram pelas frinchas como o hálito do frio - fico no meio do Parliament Square olhando o sol que espreita por trás do Big-Bcn - as pessoas falam soltando nevoeirinhas, os cachecóis se encaracolam na cidade encapada...

Londres, dezembro 69 - ... estou aqui. O céu se indefine, manhã, vozes, riscos, risos e rabiscos, o rastro do jato, e as faltas mais vivas...

Paris, 30 de julho, 70 — "La rivière que j'ai sous la langue." Como um verso de Illuad, a ilha se expande nas primeiras luzes deste fim de tarde. Um galo atravessa a beirada e rápido entra pelos gradis; que árvores são

essas que se debruçam sobre a água como que para escutar melhor? "les feuilles de couleur dans les arbres nocturnes"... É neste quai d'Anjou que se adormece de lusco-fusco sem começos - o pequeno sol esquecendo ausências implacáveis na mistura de luz e água da cidade: "Fuis à travers le paysage, parmi les branches de fumée e lous les fruit du vent..."

Boston, 26 de agosto, 70 - listou em Boston, com amigos do Harvey (Harvey Cox, teólogo norte-americano). Hoje vim visitar Harvard: é esta a universidade em que quero estudar, listou escrevendo na monumental biblioteca.

1971 - Curso clássico no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, Rio. Ingressa no Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Uio).

1971 - Professora de Português (voluntária) no Curso Artigo 99, Paróquia do Catumbi, Rio.

1972 - Viagem de férias até o Paraguai (Assunção), com os pais e irmãos Flavio e Felipe, de carro, visitando várias cidades. Durante o trajeto, lê D.H. Lawrence. Integra equipe de pesquisa sócio-econômica-religiosa da ONG Cenpla-Centro de Estudos, Pesquisa e Planejamento (Rio), na região da Baixada Maranhense (Maranhão). Viagem de carro: Feira de Santana, Juazeiro, Petrolina, Terezina, S. Luís. Volta via Fortaleza, Recife/ Olinda, Salvador.

1973 - Leciona Português no Curso Guimarães Rosa, Rio. Integra equipe de Cenpla em pesquisa entre pequenos proprietários rurais, em viagem de carro, a várias cidades da Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão.

1970- 1974 - Professora de língua inglesa no Instituto de Cultura Anglo- Brasileira. Monitora (1974) da cadeira de Teoria da Literatura I no Departamento de Letras da PUC-Rio.

1974- 1979 - Professora de língua inglesa na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, Rio.

\

1976 - Poesia e prosa de sua autoria integram a antologia *26poetas hoje*, coordenada por Heloisa Buarque de Hoilanda (Editora Labor, Rio, com 2ª- edição em 1998, Aeroplano Editora, Rio).

1975-1977 - Intensa atividade jornalística e editorial: consultora do Conselho Editorial da Editora Labor; colaboradora da seção cultural do semanário *Opinião* e do Suplemento do Livro do *Jornal do Brasil*-, co- editora e colaboradora do jornal *Beijo* (1977); colaboradora eventual, entre outras publicações culturais, do *Correio Brasiliense*, jornal *Versus*, revista *Almanaque*, revista *Alguma poesia*, "Folhetim", *Bolha de S. Paulo*-, resenhista de livros para *Veja*, *IstoÉ*, *Leia livros*.

1978 - Pesquisa sobre "A literatura no cinema documentário", projeto financiado pelo Conselho Nacional de Direito Autoral, através da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), Rio. Como resultado da pesquisa é publicado o livro *Literatura não é documento* (MEC/FUNARTE, 1980).

1975- 1982 - Intensa atividade como tradutora. Entre outros, traduz três ensaios de *Du Sons*, de A. J. Greimas (Editora Vozes, Rio, 1975); *El Tarot, O la máquina de imaginar*, de Alberto Cousté (Labor, 1976); *Seven Theories of Human Nature*, de Leslie Stevenson (Labor, 1976); *Ilile Keport on Male Sexuality*, de Shere Hite (Difel, 1977); poemas de Silvia Plath, para a antologia de poesia norte-americana *Quingumbo* (Ed. Kerry Shaawn Keys, Escritas, 1980); conto *Bliss*, de Katherine Mansfield, tradução analisada na tese de mestrado para a Universidade de Essex e publicada na revista *Status-Plus*, São Paulo, julho 1981; poemas de Emily Dickinson, publicados no "Folhetim", *Folha de S. Paulo*, 1982. Com publicação em 1984: poesia polonesa de Anna Kamienska (*A fronteira, Fãlta de fé, Pietá polonesa*) e Czeslaw Milosz (*Veni Creator*, Rios), em co-tradução com Grazyna Drabik, revista *Peligião e Sociedade*, Rio, julho 1984; "Poemas da greve e da guerra", de poetas poloneses, co-tradução com Grazyna Drabik, *Cadernos do Iser*, Marco Zero, Rio, 1984.

1976- 1979 - Professora de língua portuguesa e literatura no 2º grau do Instituto Souza Leão e no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, Rio.

1977- Viagem à Argentina (Buenos Aires, Bariloche), Porto Aiegre, Brasília.

Brasília, 23/7/77- *Estou mais uma vez sentando no escritório para traduzir Greimas. A paisagem fora lembra Inglaterra: as superquadras lembram um pouco a Asbbemham Rd. Aliás, Brasília tem cheiro de outro país. [...] Estou começando a entrar na vivência de Brasília e a entender essa estranha deformidade de luxo.*

1979 - Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publica *Cenas de abril* (poesia) e *Correspondência completa* (prosa), Rio (edição da autora).

1979-1981 - Segunda viagem à Inglaterra (bolsa de estudos da Rotary Foundation), com curso na Universidade de Essex. Recebe o título de Master of Arts (M. A.) em Theory and Practice of Literary Translation ("with distinction"). Imprime *Luvas de pelica* (edição da autora, 1980). Viagem à França, Itália, Grécia, Espanha e Holanda. Correspondência intensa para parentes, colegas e amigos.



1981 - Retorno ao Brasil (janeiro). É contratada pela Rede Globo de Televisão como analista de textos do Departamento de Análise e Pesquisa.

1982 - Lançamento de *A teus pés* (poesia/prosa), no Rio (dezembro, Livraria Timbre), incluindo inéditos e publicações anteriores (Editora Brasiliense, São Paulo).

1983 - Viagem ao Chile (fevereiro), em visita aos pais, então residindo em Santiago, onde visita Vinha dei Mar, Valparaiso, Horcones. Em princípios de outubro publica-se a 2ª edição de *A teus pés* (Editora Brasiliense). Morre no dia 29 de outubro.



